

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123



longo da história, cada vez que uma cultura de tipo superior sucumbiu, foi graças a esta postulação da existência de um outro mundo, no qual a fórmula razão=virtude=felicidade contemplasse sempre uma forma de vida decadente.

Esta dicotomia platônico dos dois mundos, aos olhos de Nietzsche, fora decisiva para o cristianismo. Se a cultura grega já estava em decadência e por isso os próprios impulsos de seus homens começaram a desagregar-se, a tentativa socrática de a razão ser a única capaz de apontar uma saída, não só se mostrou ineficaz, como também danosa, pois a decadência muda sua expressão, e, no entanto, não a sucumbe. Desta mesma forma atuou a moral cristã em Roma: quando esta estava já em decadência, os cristãos condenavam a vida dos romanos dizendo que ela devia ser negada em favor da vida que eles mesmos tinham: uma vida de abnegação, sacrifício, piedade, compaixão, igualdade diante de Deus, ao mesmo tempo em que eles viam no Reino de Deus uma redenção desta vida miserável. O romano, ao querer ir contra sua decadência natural, e tomar o cristianismo como religião, somente mudou a forma dela. Assim, tanto Sócrates na Grécia, quanto o cristianismo em Roma, atuaram daquela mesma maneira que o ideal ascético no sofredor: evitaram que um corpo decadente perecesse, mas perpetuou uma outra forma de decadência expressa na vontade de nada, no niilismo.

O Cristianismo teria sido a mais danosa forma de ascetismo, uma vez que foi de todas a mais influente até hoje, pois, ao se tornar a religião oficial de Roma, tratou de “colocar de cabeça para baixo todas as valorações – isto é o que tiveram de fazer! e destroçar os fortes, debilitar as grandes esperanças, tornar suspeita a felicidade da beleza, dobrar tudo o que era altivo, viril, conquistador, dominador, todos os instintos próprios do mais elevado e mais bem logrado tipo ‘homem’, transformando-os em incerteza, tormento de consciência, autodestruição; mais ainda, converter todo amor as coisas terrenas e ao domínio sobre a terra em ódio a tudo terreno – esta foi a tarefa que a igreja se impôs. (*Além do Bem e do Mal*, § 62). Nietzsche considera que o ideal ascético expressou-se por essa vontade de dar aos malogrados um sentido para sua existência e disso retirou todo seu poder e toda a sua meta. Todavia, pergunta o filósofo, onde estariam a vontade e a meta opostas?

Nietzsche responderá a pergunta partindo de sua crítica à modernidade, pois, segundo ele, esta teria suplantado a religião cristã como dogma, mas não como moral. Dessa forma, ele afirma: “esta ciência moderna que, como verdadeira filosofia da realidade, evidentemente crê apenas em si mesma, evidentemente possui a coragem, a vontade de ser ela mesma, e até agora saiu-se bem sem Deus, sem Além e sem virtudes negadoras. Ocorre que com este barulho e essa tagarelice de agitadores nada se consegue comigo (...) pois atualmente a consciência científica é um abismo –, a palavra ciência, nas bocarras destes trombeteiros, é simplesmente um abuso, um desaforo, uma imprudência. A verdade é precisamente o oposto do que se afirma: a ciência hoje não tem absolutamente nenhuma fé em si, e tampouco um *ideal* acima de si – e onde é ainda paixão, amor, ardor, sofrer, não é o oposto deste ideal ascético, mas antes *a sua forma mais recente e mais nobre*. (*Genealogia da Moral, Terceira Dissertação*, § 23). Nietzsche sustenta esta afirmação, considerando que o pressuposto básico de toda a moderna ciência é a crença na “verdade em si”;

esta crença é ainda a mesma de Platão e do cristianismo; ou seja, a de que Deus era a verdade e que esta era divina. Assim, esta crença na verdade sendo de outro mundo, expressa no ideal ascético, fora já denunciada como a única possível, e, por causa dela, qualquer outra perspectiva sempre foi negada. Este problema, situado no âmbito da moral, continuava reinando com os 'homens de conhecimento', haja vista que só a verdade científica tornou-se possível na modernidade. Bom lembrar que modernidade neste sentido remete para uma época iniciada sob os auspícios da ciência, que, na visão nietzschiana iniciaria com Copérnico, Descartes etc.

Esta moderna ciência, assim como todo o ideal ascético, também não acredita em si, porquanto toda sua vontade de verdade também aponta para outro mundo, ou seja, para a metafísica. Ainda nela, aquela oposição homem contra mundo, existente no platonismo e no cristianismo, vigora sem ser visto entre "Estes negadores e singulares de hoje, esses irreduzíveis em *uma* coisa, na exigência do asseio intelectual, esses duros, severos, abstinente, heróicos espíritos que constituem a honra de nosso tempo, todos esses pálidos ateístas, anticristãos, imoralistas, niilistas, esses cétricos, efétricos, hécticos do espírito" (*Genealogia da Moral, terceira Dissertação, §25*) e entre toda sorte de homem moderno. Dessa forma, Nietzsche denuncia que todo o espírito moderno ainda caminha lado a lado com o ideal ascético.

Toda a moral valorativa expressa pela vontade de verdade científica continua sendo ainda hostil à vida, à medida mesma que toda multiplicidade e toda perspectiva opostas são também negadas em favor daquele "outro mundo", sendo este o único possível. Como a modernidade tem como sua maior conquista a superação dos dogmas cristãos através desta ciência ora denunciada por Nietzsche, compreende-se que toda moral aspire também ao ideal desta mesma ciência. Assim, se por um lado o cristianismo foi superado como dogma, mas não como moral, por outro a ciência é a nova forma de expressão do ascetismo, e o homem moderno divide-se entre esses dois mundos: um, que se apoia nos dogmas de todos os valores da ciência como verdade; e outro, negado por este outro mundo metafísico-científico, que é o mundo da efetividade. Seguindo, no parágrafo 344 da *Gaia Ciência*, escreve-se: "Dessa forma a questão: por que ciência? Reconduz ao problema moral: para que em geral moral, se vida, natureza, história são 'imorais'? Sem dúvida nenhuma, o verídico, naquele sentido temerário e último como pressupõe a crença na ciência, afirma com isso um outro mundo do que o da vida, da natureza e da história; e, na medida em que se afirma esse 'outro mundo', como? Não precisa, justamente com isso, de... negar seu reverso, este mundo, o nosso mundo?"

Eis porque Nietzsche denuncia o homem moderno como aquele que ainda dirige sua vontade para o nada, devido a oposição entre estes dois mundos. Assim, o velho problema desta forma de niilismo ainda se faz presente. Entretanto, superar esta dicotomia que culmina no desprezo pelo homem e no pessimismo é, para ele, verdadeiramente um ideal e uma meta opostas ao ascetismo.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Nietzsche

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. Col. "Os Pensadores" Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Nova Cultural. 1996.

_____. *Euvres Philosophiques Complètes*. Trad. de Jean –Claude Hémery. Paris, Gallimard. 1974. 14 vols. (Textes et variantes établis par Colli et Montinari).

_____. *Além do Bem e do Mal*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo, Cia. das Letras. 1992.

_____. *Ecce Homo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo, Cia. das Letras. 1999

_____. *Genealogia da Moral*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo, Cia. das Letras. 1992.

_____. *O Caso Wagner / Nietzsche Contra Wagner*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo, Cia. das Letras. 1999

Obras De comentadores

HALÉVY, Daniel. *Nietzsche: uma biografia*. Trad. de Roberto Cortes de Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Campus. 1989.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo, Brasiliense. 1990.

_____. *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo, Ed. Unijuí. 2000.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Trad. de Oswaldo Giacoia Jr. São Paulo, Ed. AnnaBlume. 1997.

_____. *Décadence artística enquanto decadence fisiológica. A propósito da crítica tardia de Nietzsche a Richard Wagner*. In. Cadernos Nietzsche 6 (maio 1999). Trad. de Scarlett Marton. São Paulo: Departamento de Filosofia USP, 9.11-30.